

A ironia na arquitetura informativa das redes digitais: o que as *fake news* têm a nos dizer sobre a verdade?

The irony in information architecture of digital network:
what do fake news have to tell us about the truth?

TERESA NEVES

orcid.org/0000-0002-1714-8189

Universidade Federal
de Juiz de Fora (UFJF)
Juiz de Fora (MG). Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso
aberto (*Open Access*) sob a licença
Creative Commons Attribution, que
permite uso, distribuição e reprodução
em qualquer meio, sem restrições
desde que o trabalho original seja
corretamente citado.

MASSIMO DI FELICE

orcid.org/0000-0002-6646-4321

Universidade de São Paulo (USP)
São Paulo (SP). Brasil.

RESUMO:

O fenômeno das *fake news* atualiza nossas desconfianças acerca da verdade e recoloca em debate os modos como a tecnologia altera nossa percepção do mundo. No âmbito das arquiteturas digitais, o advento das notícias falsas se converte em manifestação irônica, que questiona a confiabilidade das *verdades factuais* noticiosas. A principal hipótese é a de que, na ecologia reticular e conectiva contemporânea, caracterizada pelas arquiteturas informativas dos *big data*, as *fake news* não apenas se beneficiam do caráter disseminador da tecnologia, mas expressam uma nova forma de agir informativo atópico, que põe em xeque a própria ideia de notícia, supostamente baseada em fatos, e o entendimento que dela faz o jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE:

fake news; arquiteturas informativas; verdade; ironia

ABSTRACT:

The fake news phenomenon updates our mistrust of the truth and reintroduces the debate about the ways in which technology alters our perception of the world. In the context of digital architectures, the advent of false news becomes an ironic manifestation, which questions the reliability of the *factual truth* of news. The main hypothesis is that, in contemporary reticular and connective ecology, characterized by the information architectures of big data, fake news not only benefits from the disseminating nature of technology, but also expresses a new form of atopic information, which threatens the idea of news, supposedly based on facts, and the understanding that journalism have about it.

KEYWORDS:

fake news; informative architectures; truth; irony

1 “A verdade não pode se revelar sem revelar o falso.”

“*Veritas patefacit se ipsam et falsum*”.¹
Adágio filosófico

INTRODUÇÃO

“Guerra falsa no rádio espalha terror pelos Estados Unidos” foi a manchete do *Daily News* no dia das bruxas de 1938, ao noticiar o pânico que, na véspera, o especial *Mercury’s Halloween Show* da rádio CBS, dirigido por Orson Welles, havia provocado na costa leste norte-americana. Adaptada do romance de Herbert George Wells e dramatizada como se fosse uma transmissão jornalística radiofônica em caráter extraordinário, a fictícia invasão da Terra por marcianos levou pelo menos 500 mil pessoas a agirem de forma descontrolada. O medo do ilusório ataque alienígena tumultuou as ruas, congestionou o trânsito, causou pane telefônica e foi parar na capa dos diários.

Dois anos antes, em 1936, Walter Benjamin havia lançado a primeira versão de seu clássico *A obra de arte na época de sua reproducibilidade técnica*, no qual atentava para o fato de a técnica não apenas reproduzir coisas, mas facultar o acesso a novas percepções do mundo. Aproximava assim o sentido de técnica ao da τέχνη (*tékhne*) grega, o *deixar-aparecer* inerente a toda produção (Heidegger, 2001, p. 138-139). As câmeras da fotografia e do cinema (tanto quanto os microfones da rádio) engendravam, observou Benjamin (2012, p. 201), uma “natureza ilusionista” que, penetrando profundamente o real, faziam aparecer como realidade *pura* o que, de fato, era “o resultado de um procedimento puramente técnico”.

O que Welles e Benjamin colocavam em pauta, há quase nove décadas, tem uma longa história e se atualiza no corrente fenômeno das *fake news*: os contornos do que se percebe como *real* ou *verdadeiro* tornam-se menos distinguíveis à medida que nossos modos de comunicar ampliam a complexidade envolvida na percepção do mundo e da própria existência. Ao escolher as palavras de Madame de Duras para a epígrafe de seu texto sobre o fim da unicidade na arte tecnologicamente replicável, Benjamin (2012, p. 179) já alertava: “A verdade é o que ela pode; o falso é o que ele quer”. Contemporaneamente, soa ainda mais pueril a crença de que é possível afastar o engano para viver sob a égide das certezas, quando a configuração inalterável e unidirecional da informação própria dos *small data* (na era do jornal, do rádio, da fotografia, do cinema e da TV) é transformada pela arquitetura informativa complexa inerente aos *big data* (na época dos dispositivos móveis).

A ficção realista de Orson Welles, um dos mais proeminentes fenômenos de mídia do século XX, é exemplar quanto ao modo como mensagens assumem feições de verdade – ainda que francamente fantasiosas – no contexto midiático centralizado dos *small data*. Mesmo que mentir, enganar e distorcer jamais tivessem sido práticas alheias ao universo jornalístico, a proeza que lançou Welles à bem-sucedida carreira de homem de mídia seria inconcebível no âmbito digital e interativo dos *big data*, no qual a quantidade e a velocidade de informações partilhadas desmentiriam, com agilidade quase instantânea, a invasão dos seres extraterrestres criada em estúdio.

Acreditar ingenuamente nas notícias ficou mais difícil depois daquela noite digna de Halloween, a festa da fantasia, da travessura e da adivinhação. Um dos engenhos mais admiráveis de Welles foi assombrar o público com a desconfiança sobre a *verdade objetiva* do jornalismo. Trata-se de um desconforto análogo ao que experimentamos hoje com o advento das *fake news*. À comunicação massiva, que, àquela altura, monopolizava os meios para produzir e fazer circular informação jornalística confiável, sucedeu a dimensão reticular, interativa e conectiva das redes digitais. A *verdade factual* da qual o jornalismo se fez historicamente portador é agora confrontada com a sensação de onipresença do *fake* nas arquiteturas informativas contemporâneas, das quais emerge um *real* avesso à dicotomia verdadeiro/falso. Nessa nova ecologia comunicativa, vivenciamos um agir informativo permanente, que a tudo submete à dúvida e à crítica, deslocando toda verdade para um limiar sempre instável.

O que temos chamado de *o declínio da verdade* refere-se a um conjunto de circunstâncias que, insubordinado à episteme, sugere um vértice, um limite, o fim de uma totalidade intuído no prefixo *pós* repisado nos neologismos com os quais ensaiamos designar a nossa época. Em que contexto se situa esse limiar? Em que narrativa, afinal, está enredado? Aonde podemos ir com o convite que nos dirigem as notícias *fake*?

Do ponto de vista das teorias da comunicação, a crise da verdade – e, em sua abrangência, a particular desconfiança quanto à informação jornalística – relaciona-se ao contexto de ruptura da lógica hierárquica emissor-receptor que orientou o modelo comunicacional de massa, no qual a opinião pública era concebida como resultante de um consumo relativamente passivo de informações prontas, produzidas, editadas e distribuídas por poucos canais (imprensa, rádio, TV). As redes digitais, especialmente em suas características mais recentes de participação e colaboração, inauguram um novo tipo de ecologia informativa *pancomunicativa*, na qual informações, em contínua transformação, não têm mais uma origem e uma abrangência exclusivamente humanas, mas, nos contextos dos *big data*, se constituem na conexão e interatividade de fontes diversas, humanas e não humanas (Di Felice, 2009).

Nesta nova ecologia informativa, tudo se comunica, não apenas seres humanos, mas também objetos, sistemas digitais, ambientes naturais e artificiais. O prefixo grego *pan* (que significa *tudo*) indica esse alargamento da ideia de comunicação para além da mera troca de mensagens entre humanos, sugerindo uma ambiência interativa que conecta humanos, máquinas, algoritmos e natureza. Nele, a circulação constante de dados produz efeitos ecológicos, sociais e culturais. Sistemas tecnológicos, dispositivos digitais, inteligências não humanas, sensores e redes conectadas a processos de automação estocásticos, algorítmicos e “estigmérgicos” (Mancuso, 2019), que os reproduzem em continuação, não podem mais ser considerados meras ferramentas. São agentes do ecossistema comunicacional, numa clara superação da visão antropocêntrica segundo a qual somente seres humanos são considerados sujeitos comunicantes (Di Felice, 2017a).

Na era dos *big data* e da *internet das coisas*, a informação se transubstancia (Di Felice, 2017b) e doravante sua natureza não pode mais pactuar com

estabilidades ou permanências. Para além do caráter eminentemente instrumental contido na ideia de *media* (*lato sensu*, conjunto de meios para transmissão de mensagens), a abordagem das complexas relações envolvidas nas dimensões conectivas e ecológicas da informação contemporânea remete a uma nova condição existencial, novos modos de habitar o mundo (Di Felice, 2009) que tencionam os sentidos de informação e verdade.

ESCOPO E ABORDAGEM

Frequentes e numerosos têm sido os estudos em torno da temática das notícias falsas, cujas perspectivas exploram seu viés político-ideológico, seja como mercado lucrativo para as *big techs* (Zuboff, 2021), seja como peças de uma engrenagem de opressão (Noble, 2018), seja como recurso de manipulação com fins eleitorais (Mello, 2020) e a serviço de projetos autoritários (Rocha, 2021; Han, 2022), seja ainda como parte de uma estratégia de controle por meio de propaganda antidemocracia e anticiência (Empoli, 2019; D'Ancona, 2018; Kakutani, 2018)

O enfrentamento teórico do fenômeno das *fake news* comporta, em outra direção, o escopo de uma investigação de cunho filosófico, interessada em problematizar as concepções acerca da produção, da partilha e do consumo de informações noticiosas, levando em consideração o advento dos *big data* e a complexidade das atuais transformações tecnológico-comunicativas. A base para tal abordagem está na revisão crítica e articulação conceitual do repertório de pensadores ocidentais, da tradição e da contemporaneidade, acerca da crítica ao estatuto da verdade. Por meio desse exercício hermenêutico, o advento contemporâneo das notícias falsas pode, então, ser concebido como uma espécie de ironia inerente às arquiteturas informativas das redes digitais.

A CRÍTICA AO CONCEITO DE VERDADE EM NIETZSCHE E HEIDEGGER

A Friedrich Nietzsche devemos a crítica à verdade, tal como herdada da metafísica de Platão, que a concebeu como ideia, essência transcendental, tomada como modelo imutável e parâmetro inquestionável para o que se considera confiável. Em *Sobre verdade e mentira e Genealogia da moral*, Nietzsche enuncia o modo pelo qual o ideal platônico de verdade – que a situa num mundo suprassensível – expandiu-se para o cristianismo – doutrina na qual a verdade está no além e só pode ser conhecida diante de Deus – e dali para o iluminismo – que a estabeleceu sobre as estruturas estáveis da racionalidade (Vattimo, 2016). Coube ao positivismo científico acrescentar à ideia de verdade iluminista o método, cujo emprego cumpre a função de reconhecê-la como fato, algo, portanto, constatável e indiscutível.

À crença no valor superior da verdade sobre a qual se erguem as teorias ocidentais do conhecimento, Nietzsche (2009) opõe sua genealogia que, rastreando a origem dos valores, desarticula a relação entre verdade e moral. A imposição da verdade como absoluto, nota o pensador, nasce do receio de que

a humanidade caminhe na direção de uma guerra selvagem de todos contra todos (Hobbes, 2004). Frente a esse temor, impõe-se uma “vontade de verdade” (Nietzsche, 2005), a necessidade de se adotar um valor invariável e indispensável ao convívio social. Para Nietzsche (2008), porém, essa lógica impositiva, que atendeu a uma demanda cultural e se projetou como princípio e fim da ciência, não passa de uma possibilidade interpretativa, uma ilusão, que se traduziu na criação de um mundo suficientemente seguro para suportar um projeto de civilização. A esse imperativo da verdade única e universal, a genealogia nietzscheana contrapõe a afirmação da parcialidade de todo conhecimento, da incompletude de tudo que se apresenta como definitivo e da arte como força criadora não exclusivamente humana, mas inerente a todas as coisas na peculiar inconstância do mundo.

Se Nietzsche considera a arte como um modelo legítimo de interpretação, é exatamente porque, como um culto à superfície, ela representa a afirmação do caso particular, da singularidade, da ficção. O alvo dessa afirmação da arte é uma crítica da verdade. A verdade é uma ilusão que não quer explicitar que é ilusão, então a verdade é uma “mentira”. [...] A verdade é um tipo de arte que esconde as condições de seu nascimento (Mosé, 2018, p. 75).

Em Heidegger, encontramos um aprofundamento e uma radicalização do pensamento nietzschiano sobre a verdade. Em obras como *Sobre a essência da verdade* e *A doutrina de Platão sobre a verdade*, a concepção tradicional sintetizada na expressão “*veritas est adaequatio rei e intellectus*” (“a verdade é a adequação da coisa ao intelecto”) é vista como derivada de uma forma anterior de verdade relacionada à ideia de desvelamento, a ἀλήθεια (*aléthea*) grega, cujo sentido é o de uma reação ao fato originário do velamento, do encobrimento (Heidegger, 2007, p. 331-343). Se a verdade como *veritas* reside onde se manifesta a linguagem do conhecimento preponderante no mundo, à verdade como *aléthea* cumpre questionar o que está oculto pelos pressupostos, vale dizer métodos, critérios e modelos, que sustém a correspondência entre palavra e veracidade.

O pensamento heideggeriano se move no sentido de evidenciar a contradição entre o que valorizamos como verdade objetiva e o conflito de interpretações dissimulado em tudo o que denominamos realidade. Ao examinar a alegoria da caverna de Platão, Heidegger (2018) retoma esse entendimento, vinculando o desvelamento da realidade às sombras que a encobrem. A saída da caverna, que se insinua como abertura para a liberdade, faculta ao homem reconhecer a sombra como sombra; só então a aparência projetada no mundo subterrâneo pode ser distinguida como engano. Para Heidegger, portanto, não há verdade em si e por si; toda manifestação da verdade depende de uma confrontação com o encobrimento. Verdade e não verdade não são âmbitos apartados; ser e estar na verdade traduz-se pela disputa e o debate com a não verdade (Segatto, 2008, p. 156).

Ao despirem a noção de verdade de toda pretensão de objetividade, evidenciando seu caráter ilusório e encobridor, Nietzsche e Heidegger enfatizam o não dito de todas as verdades. Entendida como criação, a verdade não é algo

dado à espera de ser revelado, mas uma potencialidade que só se pode realizar pelo livre exercício da dúvida. A relação do pensamento com a rede de conhecimento disponível em nossa circunstância existencial não se confunde com o esforço em favor de um avanço teórico para a afirmação da verdade. Antes, diz respeito à disposição de se lançar num horizonte de possibilidades abertas pela tradição que recebemos por herança.

Pode parecer um círculo, mas, se o é, trata-se de um círculo hermenêutico e não de um círculo vicioso. Pôr-se em relação com a situação na qual somos lançados é possível de duas maneiras: ou concebendo-a como um dado que se deve conhecer “objetivamente”, ou então como uma mensagem que devemos conscientemente interpretar e transformar. A primeira atitude é apenas uma ilusão metafísica, científica, que acredita poder articular-se com base na verdade (objetiva, descriptiva) do dado, da história que chega até mim. [...] Mas assumir o passado como *gewesen* – como um ter sido que ainda se apresenta como possibilidade para decidir livremente, significa aceitar a história como aberta ao futuro, como alguma coisa que não se pode resumir em um conhecimento “verdadeiro” (Vattimo, 2016, p. 13).

Conforme uma conhecida metáfora heideggeriana, o advento das *fake news* abre uma clareira na densa floresta de certezas civilizacionais que herdamos. As árvores de conhecimento que nos foram legadas estendem sobre nós seu abrigo, mas também sua sombra. As notícias falsas em expansão descontrolada são uma oportunidade de acesso a uma luz obscurecida pela densa mata epistêmica que nos encerra. Uma vez situada nesta abertura, nossa experiência com as *fake news* não encontra mais o amparo seguro dos conceitos e das proposições vicejantes no paradigma da verdade como correspondência. Estamos situados na fresta para uma outra compreensão de verdade como re-velação, um velar revelador revigorado pela fertilidade do falso no terreno da informação que, embora profundamente enraizado na tradição, não vicejou entre os sentidos mais cultivados entre nós.

IRONIA, ATOPIA E CONTINGÊNCIA

A desestabilidade da noção de verdade no contexto comunicativo das *fake news* pode ainda ser explorada no âmbito semântico da ironia, entendida em sentido lato por Abbagnano (2000, p. 584) como sendo “a atitude de quem dá importância muito menor que a devida (ou que se julga devida) a si mesmo, à própria condição ou a situações, coisas ou pessoas com que tenha estreitas relações”. Em sua origem grega, εἰρωνεία designava a arte de interrogar desenvolvida por Sócrates que propunha indagações dissimuladamente ingênuas para provocar em seu interlocutor dogmático a “maiêutica” (surgimento das ideias), confrontando-o com a debilidade de seus raciocínios, a fim de levá-lo a uma gradual ampliação de sua consciência (Moisés, 2004, p. 245-249). Pelos diálogos de Platão, conhecemos a habitual ironia socrática que, do modo como era levada a efeito pelo filósofo ateniense, irritava seus interlocutores e, no limite, os ridicularizava.

[...] segundo Alcebíades [em *O banquete*], ao ouvir Sócrates, sua alma se agitava, seu coração batia mais forte e emocionado, suas lágrimas caíam de forma que lhe “parecia impossível continuar a levar a vida que levava” (216a). Por outro lado, através desse misto de emoções que Sócrates causa, Alcebíades é levado a sentir vergonha de si mesmo. [...] O primeiro contato com Sócrates gera ao interlocutor um depressivo senso de desamparo. Mas ao mesmo tempo, o efeito de Sócrates nos interrogados é tanto a raiva contra ele (vide o desfecho de sua vida), como contra si próprio [...]. Só pode caminhar com Sócrates aquele que reconhece sua ignorância, tolice, e que precisa de ajuda. A consciência da ignorância é o obstáculo perfeito para a filosofia (Decotelli da Silva, 2017, 125-126).

O estado de hesitação provocado pelo método socrático decorre da intenção irônica de desarticular convicções irredutíveis, movê-las para o abismo das incertezas. Avessa ao conforto das estabilidades, à fixação de sentidos, a ironia descentra autorreferências, estranha familiaridades, opõe a exaltação de si à precariedade que essa conduta escamoteia. É, enfim, mentira lícita – e deseável – devotada a converter a pretensão de verdade absoluta em aporia. “Só sei que nada sei” é a reação irônica e aporética de Sócrates ao ser distinguido como o homem mais sábio entre todos os outros pelo oráculo de Delfos, no templo de Apolo, o deus grego da iluminação e do esclarecimento.

Da aporia pretendida pela ironia de Sócrates, Vladimir Jankélévitch (1964, p. 13) depreende o potencial irônico para lançar o pensamento num lugar incerto, numa atopia, uma vez que sua característica essencial é habitar um limiar instável que aproxima contrastes. “O termo *atopos* se apresenta como um dos favoritos de Platão [e] pode significar algo que está fora do lugar, fora do caminho, estranho, paradoxal e absurdo” (Decotelli da Silva, 2017, p. 124); em uma palavra, designa o des-locado. O exercício irônico é um convite à transitividade e ao movimento para destituir o conhecimento de seu caráter localizado, arraigado, aprisionado. Curto-circuito do sentido, a ironia mobiliza a dúvida, sugere um desajuste, introduz um desequilíbrio, instaura uma crise na percepção. É atividade criadora que, fingindo indiscernimento, promove a clarividência; simulando ignorância, expõe a dissimulação da estreiteza. No extremo de sua potencialidade expressiva, é um simulacro de verdade que baralha os limites da falsidade.

Modernamente, o termo [ironia] assumiu contorno de figura de pensamento e de palavra. De modo genérico, [...] consiste em dizer o contrário do que se pensa, mas dando-o a entender. Estabelece um contraste entre o modo de enunciar o pensamento e o seu conteúdo. [...] A ironia funciona, pois, como processo de aproximação de dois pensamentos e situase no limite entre duas realidades, e é precisamente a noção de balanço, de sustentação, num limiar, a sua característica básica, do ponto de vista da estrutura (Moisés, 2004, p. 295).

Em Soren Kierkegaard (2013), encontramos a ironia traduzida como um jogo de distorção entre palavra e pensamento que propõe um exercício permanente de ressignificação e o reconhecimento de que o que chamamos realidade jamais

admite sentido único. Por este modo de compreensão, a ironia joga contra as verdades estabelecidas em certas circunstâncias de época, abalando visões totalizantes e estranhando toda ordem dada. A experiência irônica é complexa, enigmática e perigosa, porque desvenda a mobilidade e a volatilidade que contaminam as mais rígidas convicções. No jogo irônico não há lugar para vencedores, nem perdedores. O triunfo é a recusa a uma verdade final, o desabono da pretensão de tudo saber.

É este, afinal, o jogo que a onipresença das *fake news* nos desafia a jogar. Sua *performance* faz soar um alerta para um aspecto circunstancial inescapável de nossa existência: a impossibilidade de verdades pressupostas e de crenças inquestionáveis. Não há mais quem possa ser chamado para colocar ordem nas coisas e restabelecer nossa confiança passiva. Resta-nos, então, a dúvida radical e incessante, livre do peso pesado de ir ao encalço da verdade, de toda a verdade. Quem persegue algo está sempre atrás do que tenta alcançar e, nesta posição, não se presta ao encontro. Ao contrário, o jogo irônico instaura o embate, a disputa e a disponibilidade para o que pode ser provisoriamente consensual, até que uma nova indagação, um novo lance remova uma eventual vantagem ou estabilidade na disputa incessante.

Para o pragmatista americano Richard Rorty (2007), a postura irônica é um lançar-se ao aberto da contingência da vida, ao fluir dos acontecimentos, apercebendo-se de que toda argumentação perante uma polêmica será formulada nos termos possíveis de uma linguagem disponível e, por isso mesmo, será incapaz de dar fim à discórdia. O embate irônico, então, não se presta à mera acusação de erros, nem mesmo à demolição das proposições supostamente falsas, não se dedica a zelar pela verdade. Sua vocação é outra: a de reconhecer que as linguagens são obsoletas e não atendem às necessidades requeridas pelo momento. O que interessa no emprego da ironia é a perspectiva de tornar as coisas novas, diferentes, dotá-las de um novo conteúdo descritivo, vesti-las com um outro vocabulário, nunca definitivo.

[...] os ironistas não veem a busca de um vocabulário final como sendo (nem mesmo em parte) um modo de entender corretamente algo distinto desse vocabulário. Não consideram que a ideia de um pensamento discursivo seja *conhecer*, em nenhum sentido passível de ser explicado por noções como “realidade”, “essência real”, “ponto de vista objetivo” e “a correspondência da linguagem da realidade”. Não acham que seu objetivo seja um vocabulário que represente algo com exatidão, um meio transparente. Para os ironistas, “vocabulário final” não significa “aquele que acaba com todas as dúvidas” ou “aquele que satisfaz nossos critérios de conclusividade, adequação ou otimização”. Eles não pensam na reflexão como regida por critérios. Os critérios, a seu ver, nunca passam de lugares-comuns que definem contextualmente os termos de um vocabulário final atualmente em uso. Os ironistas concordam [...] com Heidegger quanto à contingência e à historicidade dessa linguagem (Rorty, 2007, 137).

Como estratégia discursiva, a ironia leva à compreensão de que todo entendimento está aquém ou além de pretensões absolutas. A abertura irônica se

funda na possibilidade de desarticulação da linguagem, nas brechas do lastro interpretativo. A peculiar exegese que desencadeia explora uma incompreensão sempre remanescente nas convicções, e é esse resto de mal-entendido que alimenta sua comunicabilidade.

O que o pensamento e o debate acerca das *fake news* demandam é, em última instância e conforme Rorty, uma redescrição do que consideramos ser os limites entre a verdade e a mentira num horizonte em que a informação se transubstanciou sob condições inéditas de comunicabilidade. Para isso, será preciso um gesto capaz de nos desvincilar das contingências herdadas, sem romper os liames com a tradição, para elaborar contingências próprias de nossa época, o que significa dar origem a um vocabulário alternativo, a partir de uma conversação com o conhecimento, sem a ambição de alcançar um fundamento único.

DOS SMALL DATA PARA OS BIG DATA: A TRANSFORMAÇÕES DA ARQUITETURA DA INFORMAÇÃO NA ÉPOCA DA CONECTIVIDADE

A passagem do *small data*, da mídia de massa e das formas disseminativas da informação, para os *big data* e as arquiteturas digitais em rede de informações, implica não somente uma alteração da natureza da informação impressa, em áudio ou vídeo para o formato digital em *bits*, mas da própria ecologia de sua produção e circulação.

A arquitetura da informação na época da mídia de massa era baseada num modelo informativo disseminativo e centralizado. Grandes canais e poucas empresas nacionais produziam a totalidade da informação, disseminando o conteúdo para um país inteiro. Poucos canais de TV, algumas dezenas de jornais e revistas dimensionavam toda a informação de um país que, por meio de práticas de agendamento, produziam o debate público. Poucas informações principais diárias constituíam o conjunto de argumentos públicos a serem debatidos pela população (*agenda-setting*). A produção e o poder de disseminação das informações em todo o território nacional estavam nas mãos de algumas empresas privadas e do Estado. Tais informações eram produzidas diariamente, em série, e distribuídas pelos poucos canais existentes (TV, jornais, rádio etc.).

Esta forma informativa centralizada e massiva criava o público que, perante tal arquitetura, não tinha acesso à palavra, nem à possibilidade de produzir conteúdo. Em tal configuração, o sentido da realidade, a qualidade do debate público e seus conteúdos estavam restritos a algumas empresas de comunicação, seus financiadores e ao Estado. Como sublinhado pelos estudos de recepção e pelo modelo semiótico-textual, o público, longe de ser passivo, limitava sua participação à recepção e à interpretação das notícias. Tratava-se de uma arquitetura informativa disseminativa que construía as informações e as distribuía para as massas. Poucos grandes canais de comunicação (públicos ou privados) eram os únicos produtores de conteúdos que chegavam já prontos e organizados para os cidadãos. Nesta época, não existia a expressão *fake news*, pois a garantir a veridicidade e a qualidade das notícias estavam as próprias agências que as produziam.

Com o advento das redes digitais, a ecologia das arquiteturas de informação tornou-se interativa, transferindo para todos os internautas o processo de produção e disseminação de conteúdo. Não somente cada membro da rede poderia ter acesso a todas as informações, mas ele mesmo poderia, agora, produzir e distribuir o próprio conteúdo. Desde um ponto de vista social, tal processo tecnológico significou uma tomada coletiva da palavra e a passagem da esfera pública para o “net-ativismo” (Di Felice, 2017a).

Além de franquear o acesso de todos ao debate público, a passagem da esfera pública moderna, baseada numa arquitetura informativa de poucos dados (*small data*), centralizada e disseminativa (Peters, 1999), para outra, distribuída e em rede, determinou a “crise dos pontos de vista centrais” (Vattimo, 1994) e o advento de uma construção colaborativa e evolutiva do significado. A evolução da web foi responsável pela ulterior expansão de tal processo. Com o advento da *internet of things*, depois da consolidação da banda larga, houve não somente a multiplicação da quantidade de informações produzidas pelas redes sociais, mas, sobretudo, o incremento da multiplicidade de dados circulantes. Às informações produzidas pelos humanos acresceram-se aquelas produzidas pelos objetos (*internet of things*), pelo meio ambiente (sensores e sistemas informativos geográficos), pelos bancos de dados (*database*). Surge, assim, um novo tipo de rede, denominada, entre outras designações, de *the internet of everything*, uma rede de redes, composta pela conexão das redes sociais, da *internet of things* e da internet dos dados. Estas novas arquiteturas informativas, dadas suas extraordinárias dimensões, é portadora de um novo tipo de conjunto de dados denominado *big data* que, por suas características, se distingue de qualquer outro tipo de grandeza informativa.

Douglas Laney (2017) distingue os *big data* dos outros tipos de dados por três de suas peculiaridades: o volume, a velocidade e a variedade. De fato, além de suas dimensões (desde o *petabyte* até o *exabyte*, o *zettabyte* e o *yottabyte*) e sua variedade, esses novos tipos de dados comportam-se de forma original. Não somente a maioria deles é produzida por não humanos (sensores, *databases*, algoritmos etc.), mas resulta acessível somente por meio de algoritmos e *softwares* capazes de interagir com suas infinitas variedades. Portanto, não somente os *big data* são produzidos autonomamente, mas seus acessos se dão por formas automatizadas de inteligências e por algoritmos. Acionados por meio de uma pergunta e um *click*, os *big data* nos oferecem resposta sobre qualquer assunto por meio do cruzamento de uma quantidade infinita e incalculável de informações. Essa nova arquitetura constitui uma nova modalidade de acesso à informação e uma nova cultura comunicativa baseada em perguntas articuladas por meio de um *click*.

A passagem das arquiteturas midiáticas disseminativas (*small data*) para as redes infinitas de dados (*big data*) confere ao processo informativo um caráter inédito e interativo. Se nas arquiteturas informativas midiáticas de massa as informações, organizadas e produzidas industrialmente por poucas empresas, chegavam prontas até o público que precisava apenas consumi-las e interpretá-las, no âmbito dos *big data* o processo assume outras características. Devido à quantidade inalcançável de dados e de informações circulantes produzidas, não só por empresas, mas por qualquer indivíduo, por objetos e qualquer tipo

de superfície (*internet of things*), cada um de nós passa a habitar uma ecologia complexa, formada por uma quantidade incalculável de dados e de informações. Em tais ecologias, a construção do significado não está dada, mas deverá ser, a cada vez, reconstruída pelo próprio internauta, o qual, antes de repassar a informação ou um conteúdo adiante, deverá checar a origem, verificar, consultar outras fontes e, somente então, compartilhar o conteúdo. Tal arquitetura transforma o internauta de receptor, elo final de uma cadeia produtiva, num editor de informações, coprodutor delas e corresponsável por sua difusão.

Num contexto no qual todos os indivíduos conectados, superfícies, objetos, árvores, carros tornam-se produtores de conteúdo, a arquitetura das trocas de informações assume a forma de uma ecologia complexa, emergente e viva. Nela, tornam-se tecnicamente irrealizáveis a criação de pontos de vistas centrais, isto é, as definições *a priori* de um significado ou de um acontecimento. Num ambiente conectivo e composto por uma infinidade de dados, os significados só podem ser construídos *a posteriori*, de forma controvertida, e nunca assumem a dimensão definitiva da objetividade. Tal inconstância e contínua redefinição de um acontecimento, de um ponto de vista ou de uma narrativa, devido à contínua chegada de dados e informações novas, que produz a contínua redefinição dos argumentos, modifica a própria cultura da informação: do acesso a uma informação certa, objetiva, clara e confiável passamos a uma forma babólica, contraditória, necessitante de contínuas interpretações. Duas características, entre outras, marcam a cultura da informação na época dos *big data*: a interação e a controvérsia.

A interação se torna a condição *sine qua non* do acesso às informações nas arquiteturas digitais dos *big data*, que não disseminam informações de algumas poucas fontes principais, mas se desenvolvem em ecologias complexas nas quais cada membro, humano, *database*, objeto etc., produz conteúdo. Nesse bombardeio contínuo de dados, as informações não estão mais prontas, mas assumem um caráter incompleto, necessitam ser aprimoradas, verificadas, colocadas em relação, corrigidas e ampliadas pelos internautas, antes de serem replicadas e compartilhadas com os demais em rede. Acontece com a informação um processo análogo ao que aconteceu com a obra de arte no século XX, definido por Umberto Eco como a “poética da obra aberta”.

Uma obra musical clássica, uma fuga de Bach, a *Aida*, ou o *Sacre du printemps*, consistiam num conjunto de realidades sonoras que o autor organizava de forma definida e acabada, oferecendo-a ao ouvinte [...]; as novas obras musicais, ao contrário, não consistem numa mensagem acabada e definida, numa forma univocamente organizada, mas sim numa possibilidade de várias organizações confiadas à iniciativa do intérprete, apresentando-se, portanto, não como obras concluídas, [...] mas como obras abertas que serão finalizadas pelo intérprete no momento em que as fruir esteticamente.” (Eco, 1991, p. 39).

Essa transformação estética que acontece no começo do século XX e que, segundo Eco, interessa a todas as expressões estéticas – à música, com a dodecafonia; à literatura, com o futurismo e o hermetismo; à pintura, com o

abstracionismo e o cubismo; ao cinema, com o cinema onírico etc. – é caracterizada por um particular e intenso tipo de interatividade que delega ao receptor o papel de acabar a obra, oferecendo a ela um significado.

A esta amplificação interativa provocada por uma transformação estética nas artes do século XX corresponde, hoje, nossa relação com os *database* e as informações *online*. Além da amplificação da interatividade, a arquitetura interativa dos *big data* impõe, por causa da grande quantidade de dados, de pontos de vistas e das contínuas mudanças de conteúdo, uma ecologia informativa hermética cujo significado deve ser construído por meio do múltiplo diálogo com os dados e os demais membros das redes (Di Felice, 2020). Uma arquitetura baseada na construção de significados por meio do desenvolvimento de contínuas controvérsias que encontrarão momentos de estabilidades e incessantes reaberturas.

Ao contrário de um ponto de vista central e definitivo e de um pensamento único, tal arquitetura informativa, longe de ser o lugar da total indefinição e da disseminação de notícias falsas, pode ser pensada também como o espaço da produção de significados temporários e da experimentação de possíveis narrativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: JORNALISMO E A CRISE DA VERDADE

O atual debate prevalentemente e qualitativamente político sobre a disseminação das *fake news* entendida como ameaça à democracia e à *verdade* não ajuda na compreensão do fenômeno. Ao contrário, ao banalizar a compreensão, reduzindo o fenômeno a mecanismo de disputa e conquista do poder nos processos eleitorais, esse tipo de enfoque concorre para enfraquecer o necessário processo evolutivo das instituições e da cultura democráticas. Como observado por Bobbio (1986), o pressuposto da democracia não está na verdade, mas na liberdade, seja de ação, seja de expressão, seja de interpretação dos fatos.

A investigação sobre as relações entre verdade e ironia na ecologia informativa formada por processos de reprodução automatizados de *big data* sugere, em contrapartida, um campo de ambiguidades paradoxalmente esclarecedoras para a compreensão do fenômeno das *fake news*. Desse ponto de vista, o advento das *notícias falsas* desestabiliza a suposição de transparência e autonomia da linguagem, em particular a jornalística, simulada na crença de que a realidade fala por si. Na arquitetura informativa dos *big data* e das redes sociais digitais conectivas, não hierárquicas e colaborativas, o simulacro noticioso é confrontado com a impossibilidade de defesa da existência de um tipo de verdade fundamentada na relação objetiva e única de fatos supostamente reais, que ronda a atividade jornalística desde seu ingresso na fase industrial, quando se amparou nos ideais de isenção e objetividade.

É no contexto das arquiteturas informativas de disseminação que se situa a origem do jornalismo tal como o reconhecemos hoje. Espécie de síntese do espírito moderno, a atividade jornalística se beneficiou não só da técnica de

impressão em franco desenvolvimento, mas de toda uma ecologia por ela inaugurada. Seus princípios de *racionalidade*, *transparência* e *verdade factual* materializaram o projeto iluminista em oposição à tradição obscurantista medieval, aproveitando-se do ambiente comunicativo proporcionado por tecnologias inéditas, que, enquanto potencializavam a propagação de informações, inauguravam uma hermenêutica sem mais verdade absoluta e baseada na disputa e no conflito de interesses e de visões de mundo.

A invenção dos caracteres móveis e da tipografia, no século XV, amplificaram o poder de disseminação da escrita e sua capacidade de criar ecologias impalpáveis que, instaurando uma arquitetura comum de ideias e partilhando conhecimento, congregou pessoas ao redor de concepções e convicções que viriam a constituir um modo de vida inteiramente novo. Daí em diante, disputas argumentativas de opiniões e debate público comporão a base das democracias contratualistas modernas. A disseminação do hábito da leitura e a oferta de textos impressos facultada pelas técnicas tipográficas não só difundiram os propósitos reformistas de Lutero, os avanços científicos e a descoberta do Novo Mundo, mas, sobretudo, livraram os ideais do iluminismo da ameaça destruidora do Índex católico, ensejando, assim, a conversão dos domínios feudais em ecologias suscitadas pelas emergentes sociedades laicas modernas.

O advento da notícia – entendida como informação atual de interesse público – por meio da qual o jornalismo avocou para si o *status* de transmissor fidedigno da *verdade dos fatos*, está imbricado nessa ecologia comunicativa disseminativa analógica, na qual são mantidas apartadas as etapas de emissão e recepção de mensagens e se fazem explícitas as distâncias entre emissores – tais como os jornalistas – e receptores.

Desde então, a produção da *verdade jornalística* se traduziu na adequação dos fatos narrados a esta arquitetura informativa de disseminação e acesso. Na ecologia comunicativa que dá origem ao espaço imaterial de discussão denominado *esfera pública*, o jornalismo se conduziu por um *modus operandi* pretensamente objetivo e equânime, pautado na orientação segundo a qual “a opinião é livre, mas os fatos são sagrados” (Scott, 2025). Dimensionou, assim, uma hierarquia opositiva de valores entre a *verdade factual*, produzida conforme métodos jornalísticos objetivos, e as opiniões fundadas em pressupostos e julgamentos subjetivos – numa espécie de atualização do antagonismo fundado por Platão entre *episteme* e *doxa*.

O *culto aos fatos*, por meio do qual a atividade jornalística se promoveu como guardião de uma verdade objetiva, resultante de procedimentos pautados em abstrações como imparcialidade, isenção e equilíbrio, torna-se refúgio débil à medida que a troca de opiniões entre cidadãos, inherente à dinâmica racional da política no âmbito da esfera pública, se converte em partilha interativa e sociotécnica entre entidades que, conectadas, alimentam uma contínua troca de informações entre humanos, dispositivos de conexão e dados. Na ascensão dessa arquitetura informativa conectiva, o jornalismo sevê diante de um paciente embaraço para manter válida e valiosa a *verdade factual* que até então lhe conferiu lugar privilegiado na ecologia comunicativa dialógico-disseminativa. Pelo princípio de contaminação próprio do ambiente interativo-reticular

contemporâneo, todo tipo de rumor, intriga e narrativa capciosa lança a atividade jornalística contra os próprios limites, engendrados desde que o caráter panfletário e opinativo de seus primórdios, no contexto da revolução burguesa, cedeu lugar à produção industrial de informação de atualidade para consumo em larga escala.

Na comunicação em rede e nas arquiteturas informativas compostas por *big data*, a arquitetura da informação enriquecida de outros atores e novas entidades interagentes se habilita a criar ecologias abertas, dinâmicas e participativas, um novo “habitat comunicativo” (Di Felice, 2009) também expansivo e interativo. Nas redes colaborativas digitais, as informações se tornam plurais, múltiplas, complexas, projetam *mundos* igualmente complexos e inapreensíveis segundo os critérios e padrões típicos do jornalismo. As formas comunicativas atópicas instauraram um modo de agir informativo que desvela um real não redutível às verdades usuais e onde “os fatos são feitos” (Feyerabend, 2010), ou seja, são construídos por meio de processos de edição e interpretação realizados pelos próprios usuários internautas.

Se os ecossistemas informativos dinâmicos, descentralizados e complexos, favorecem a profusão de notícias falsas, também estimulam o senso crítico sobre os métodos e práticas empregados para se constituir *verdades*, suscitando uma série de desconfianças acerca da pertinência de modelos para produção e difusão de informação. As *fake news*, afinal, expressam uma ironia peculiar às redes colaborativas, nas quais os princípios da racionalidade e do utilitarismo, que historicamente singularizaram o trabalho dos jornalistas como tradutores fidedignos de fatos, são confrontados com a eclosão de um “real lúdico” (Maffesoli, 2012), no qual a informação está sempre em jogo, em permanente processo, em constante *work in progress*, seja nos blogs e sites da internet, seja nas postagens e comentários das redes sociais, seja nas mensagens trocadas por aplicativos.

Em fluxo expandido nas arquiteturas informativas de interação, as notícias falsas espreitam ironicamente a *verdade secreta* que a notícia jornalística escamoteia em suas formas de produção e circulação convencionais. Se “a verdade como algo absoluto, como correspondência objetiva, entendida como última instância e valor de base, é um perigo, muito mais do que um valor”, como adverte Vattimo (2016, p. 26), o estranhamento do mundo diante das *fake news* e o caráter atópico da informação que elas salientam são uma abertura para “o fim dos pontos de vista centrais” (Vattimo, 1994) e para a interpretação de nossa condição habitativa, um horizonte para cogitar o que há de inquietante na vida contemporânea. Trata-se de uma oportunidade para pensarmos nossa situação no mundo, uma dis-posição, um ato comunicativo que nos coloca disponíveis para uma sintonia com o deslocado, o impensado, o que está fora do evidente, encoberto, e não se adequa ao que temos entendido por *verdade*.

É nesta oportunidade e no incremento provocado pela tecnologia da tipografia, expandida pelas mídias eletrônicas e ampliado exponencialmente pelas arquiteturas informativas dos *big data*, que se articulam os pressupostos para o combate ao pensamento único e a qualquer forma de autoritarismo monointerpretativo, fundamentado em fatos e em dogmas inquestionáveis.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BOBBIO, Norberto. **O futuro da democracia**: uma defesa das regras do jogo. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção Pensamento Crítico).
- D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Tradução de Carlos Szlak. Barueri (SP): Faro Editorial, 2018.
- DECOTELLI DA SILVA, André M. “Nenhum de vocês o conhece bem”: o estranho Sócrates segundo Alcebíades. In: **Revista Análogos**, Rio de Janeiro, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/31539/31539.PDF>. Acesso em: 1º set. 2025.
- DI FELICE, Massimo. **Paisagens pós-urbanas**: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar. São Paulo: Anablume, 2009.
- DI FELICE, Massimo. **Net-ativismo**: da ação social ao ato conectivo. São Paulo: Paulus, 2017a. (Coleção Comunicação).
- DI FELICE, Massimo. Redes digitais e significados da crise no ocidente. In: **Revista de Comunicação da FAPCOM**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 125-142, 1º sem. 2017b. Entrevista concedida a Marcella Schneider. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/14/14>. Acesso em: 1º set. 2025.
- DI FELICE, Massimo. **Cidadania digital**: a crise da ideia ocidental de democracia e a participação nas redes digitais. São Paulo: Paulus, 2020. (Coleção Cidadania Digital).
- ECO, Umberto. **A obra aberta**. Tradução de Giovanni Cutolo. São Paulo: Perpectiva, 1991.
- EMPOLI, Giuliano da. **Os Engenheiros do Caos**. Tradução de Arnaldo Bloch. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FEYERABEND, Paul. **Adeus à razão**. Tradução de Vera Joscelyne. São Paulo: Unesp, 2010.
- HAN, Byung-Chul. **Infocracia**: digitalização e a crise da democracia. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis (RJ): Vozes, 2022.
- HEIDEGGER, Martin. Construir, habitar, pensar. In: **Ensaios e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis (RJ): Vozes, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. Da essência da verdade. In: **Ser e verdade**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão. Bragança Paulista (SP): Vozes, Ed. Univ. S. Francisco, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. **A doutrina de Platão sobre a verdade**. Tradução de Claudia Drucker e Silvana Gollnick. São Paulo: Imagomundi, 2018. Disponível em: http://www.imagomundi.com.br/filo/heidegger_verdade.pdf. Acesso em: 1º set. 2025.
- HOBBES, Thomas. **Leviatã ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Tradução de Alex Martins. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- JANKÉLÉVITCH, Vladimir. **L'ironie**. France: Flammarion, 1964.

KAKUTANI, Michiko. **A morte da verdade.** Tradução de André Czarnobai e Marcela Duarte. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates.** Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013. (Coleção Vozes de Bolso).

LANEY, Douglas. **Infonomics.** London: Taylor & Francis. 2017.

MAFFESOLI, Michel. Prefácio: As redes sociais na cibercultura pós-moderna. In: DI FELICE, Massimo, TORRES, Juliana Cutolo, YANAZE, Leandro Key Higuchi. **Redes sociais e sustentabilidade:** as interações com o meio ambiente na era da informação. São Paulo: Anablume, 2012. p. 9-18.

MANCUSO, Stefano. **Revolução das plantas.** Tradução de Regina Silva. São Paulo: Ubu, 2019.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio:** notas de uma repórter sobre *fake news* e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** São Paulo: Cultrix, 2004.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche e a grande política da linguagem.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2018.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal.** Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira.** Tradução de Fernando de Moraes Barros. São Paulo: Hedra, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral:** uma polêmica. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NOBLE, Safiya. **Algorithms of oppression:** how search engines reinforce racism. New York: New York University Press, 2018.

PETERS, J. D. **Speaking into the air:** a history of the idea of communication, Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio:** crônicas de um Brasil pós-político. Bagé (RS): Caminhos, 2021.

RORTY, Richard. **Contingencia ironia e solidariedade.** Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

SCOTT, C. P. A hundred Years. In: **The Guardian.** Disponível em: https://www-theguardian-com.translate.goog/sustainability/cp-scott-centenary-essay?_x_tr_sl=en&_x_tr_t=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc. Acesso em: 14 set. 2025.

SEGATTO, Antonio Ianni. Em busca da essência da verdade. In: **Cadernos de filosofia alemã,** São Paulo, n. 12, p. 149-157, jul.-dez. 2008. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/viewFile/64801/67418>. Acesso em: 1º set. 2025.

VATTIMO, Gianni. **A sociedade transparente.** Tradução de Carlos Aboim de Brito. Lisboa: Ed. 70, 1994.

VATTIMO, Gianni. **Adeus à verdade.** Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis (RJ): Vozes, 2016.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância:** a luta por um futuro humano na nova fronteira de poder. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

TERESA NEVES

é professora titular aposentada no Departamento de Fundamentos, Teorias e Contextos da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com experiência nas áreas de comunicação, jornalismo e literatura, atuando principalmente nos seguintes temas: riso e tragicidade, memória e esquecimento, ficção e narrativa, *fake news* e verdade. É doutora em Estudos Literários pela UFJF e tem pós-doutorado pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). É mestre em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ) e tem graduação em Comunicação Social pela UFJF. Recentemente, coordenou os projetos de pesquisa e extensão em torno das temáticas *Fake News e Cidadania Digital* e *A longa história da mentira – tudo que vive mente* na UFJF. É pesquisadora no Centro Internacional de Pesquisa Atopos, da ECA-USP, e coordenadora do verbete *Ecologia da informação: big data, fake news e mundos possíveis* da Plataforma de Cidadania Digital (CIDIG).

teneves@terra.com.br

MASSIMO DI FELICE

é professor titular da Universidade de São Paulo, ministrando aulas no Programa em Ciência Ambiental (PROCAM-USP) do Instituto de Energia e Ambiente (IEE-USP) e na graduação da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP). É bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível 2. Tem graduação em Sociologia pela Università degli Studi La Sapienza, doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e pós-doutorado em Sociologia pela Universidade Paris Descartes V, Sorbonne. É professor visitante na Università Roma III (Itália), na Université Paul-Valéry Montpellier III (França) e na Universidade Lusófona (Portugal). Tem experiência nas áreas de sociologia, antropologia e comunicação. Nos últimos anos, suas pesquisas vêm aprofundando o estudo das redes complexas em três dimensões. A primeira, o estudo das alterações da condição habitativa, por meio

Recebido em:

24/07/2024

Aprovado em:

10/08/2025

Disponibilidade de dados de pesquisa:

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.

Editores responsáveis:

- Adriana Teixeira
- Fábio Fonseca de Castro
- Maurício Ribeiro da Silva
- Norval Baitello

da difusão de interações em redes informativas com o meio ambiente, cujo resultado está contido nas obras *Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar* (2009), *Pós-humanismo* (2010) e *Redes digitais e sustentabilidade: as relações entre o homem e o meio ambiente na época das redes* (2012). A segunda dimensão dedica-se ao estudo do significado das alterações da ação nas redes digitais, por meio de pesquisa internacional sobre o net-ativismo que recebeu o apoio da Fapesp (Auxílio à Pesquisa Regular) e gerou, além de diversos artigos internacionais, a publicação dos livros *Do público para as redes* (2008) e *Net-ativismo: as ecologias das interações nas redes digitais, da ação social ao ato conectivo* (2017). A terceira dimensão refere-se ao estudo sobre o comum digital e a superação da ideia humano-técnica e industrial da comunicação. Seu mais recente livro, *A cidadania digital* – publicado no Brasil (Editora Paulus, 2020), em italiano (Editora Meltemi, 2019), com apoio da Fapesp (Auxílio à Pesquisa Regular), e em inglês (Mimesis International) – consagra novas perspectivas da participação e da cidadania no contexto das plataformas digitais. É autor de ensaios e artigos publicados em revistas europeias, como *La critica Sociologica* (Universidade La Sapienza, Roma), *Ágalma* (Universidade Tor Vergata, Roma) e *Sociétés* (Universidade Sobornne). No Brasil, coordena as coleções *Atopos* (Editora Annablume) e *Era Digital* (Editora Difusão).

massimo.atopos@gmail.com

CONTRIBUIÇÕES DE CADA AUTOR:

O artigo foi escrito em coautoria, sendo que todas as etapas de sua elaboração foram realizadas em conjunto. Ambos os autores compartilharam as atividades relativas a levantamento bibliográfico, fundamentação teórico-metodológica, conceituação, curadoria de dados, escrita, revisão e edição do texto.